

Pesquisa em avaliação psicológica

GT 23

Solange Muglia Wechsler (coordenadora)

Leila Salomão de L. P. C. Tardivo

Eliane Gerck Carneiro

Luiz Pasquali

Marcelo Tavares

Elisa Medici Pizão Yoshida

Marina Bandeira

Ricardo Primi

Claudio S. Hutz

Cilio Ziviani

Eda Marconi Custódio

Valdiney Veloso Gouveia

Irai Cristina Boccato Alves

O grupo "Pesquisa em Avaliação Psicológica" foi formado no último congresso da ANPEPP, em 1998. Originou-se de uma organização embrionária de pesquisadores em avaliação psicológica, convidados a fazer parte de uma Câmara Interinstitucional de Avaliação Psicológica, criada pelo Conselho Federal de Psicologia, em outubro de 1997. Logo depois, estes mesmos pesquisadores, cientes da necessidade de investigações científicas na área da avaliação psicológica, decidiram criar o *Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia (IBAPP)*. Desde esta época, este grupo vem crescendo e planejando atividades científicas que possam facilitar, cada vez mais, o desenvolvimento da Psicologia no país através da pesquisa em avaliação psicológica. Na primeira reunião deste grupo na ANPEPP, foram discutidas várias estratégias para a promoção desta área. As publicações resultantes de vários membros do grupo foram publicadas em um número especial da *Revista Psicologia Escolar e Educacional* (1998, vol.2). Outra atividade principal foi a realização conjunta de I Congresso Nacional de Avaliação Psicológica, juntamente com os psicólogos do Rio Grande do Sul que já realizavam o VII Congresso de Avaliação Psicológica em promoção com o CRP, o que ocorreu de 12-15 de maio de 1999. Dois grandes simpósios para discutir a questão da avaliação psicológica em diferentes contextos da realidade brasileira foram realizados durante o ano de 1999 o primeiro ocorreu por ocasião do I Congresso Nacional de Avaliação Psicológica, em maio e o segundo, em outubro por ocasião da XXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia. Uma importante contribuição científica deste grupo, a ser divulgada dentro em breve, será a *Revista Brasileira de Avaliação Psicológica*. Em conclusão, como pode ser observado, o grupo de pesquisadores em avaliação psicológica demonstraram uma altíssima coesão e produção para área desde a sua organização no curto espaço de dois anos, o que demonstra a sua relevância e a necessidade da continuidade de suas reuniões durante os encontros científicos da ANPEPP.

Avaliação psicológica no contexto da saúde: perspectivas atuais

Eda Marconi Custódio

Universidade Metodista de São Paulo

O presente trabalho tem, como objetivo, apresentar algumas características e perspectivas atuais da avaliação psicológica na área da Saúde a partir da aproximação gradativa entre a Psicologia e a Medicina. Esta aproximação tem favorecido o desenvolvimento da compreensão psicológica dos vários fenômenos ligados à promoção da saúde, à remissão de sintomas, à adesão aos tratamentos. Profundas alterações foram observadas na esfera da avaliação psicológica aplicada à Saúde entre elas a diminuição do uso dos testes projetivos clássicos, hoje substituídos por questionários e inventários de personalidade e outras escalas específicas, visando um conhecimento particular das características pessoais de alguns grupos de pacientes tais como: diabéticos, obesos, cardiopatas, hipertensos, entre outros. Dentro de uma clínica especializada num hospital geral, algumas respostas rápidas da equipe de Saúde são esperadas para a tomada de decisões em relação à próxima etapa a ser cumprida. Um paciente deverá se submeter a uma série de exames clínicos e laboratoriais. Dos psicólogos, os demais membros da equipe esperam conhecer: quem é este paciente; como está a sua qualidade de vida; seu nível de stress e a maneira de enfrentá-lo; eventuais características de personalidade que o coloquem dentro dos grupos de risco; possibilidades do apoio da família e da comunidade; evidências de ansiedade que possam dificultar a remissão dos sintomas; sinais de depressão e auto estima de modo a dificultar ou facilitar a adesão ao tratamento; características pessoais que facilitarão sua participação nos grupos de pacientes com os mesmos sintomas; a qualidade de vida posterior ao tratamento e por último, como ele avalia o atendimento recebido no hospital durante sua permanência. Para todas as variáveis aqui consideradas vários instrumentos de avaliação psicológica têm sido criados e pesquisados, tais como: Illness Perception Questionnaire (IPQ); COPE Inventory; Mental Health Inventory (MHI); Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QHG); General Locus of Control Scale (GLCS); Inventário de Personalidade de Eysenck; Inventário de Ansiedade Traço-Estado (STAI); Profile of Mood States (POMS); Hospital Anxiety and Depression Scale (HADS); Coping Inventory for Stressful Situations (CISS); Readiness to Change Questionnaire (RCQ); Health Anxiety Questionnaire (HAQ); Beck Depression Inventory (BDI); Tinnitus Coping Style Questionnaire (TCSQ); Nottingham Health Profile (NHP) para mensuração da saúde relacionada à qualidade de vida; Inventário de Sintomas de Stress de Lipp; Family Relationship Index (FRI); hospital patient satisfaction questionnaire. Na verdade estes são alguns dos muitos instrumentos de avaliação usados na esfera da Saúde mas o suficiente para demonstrar o quanto a Psicologia tem encontrado um espaço de atuação promissor.

A identificação de superdotados e talentosos na realidade brasileira

Solange Muglia Wechsler

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

A definição adotada no Brasil para superdotação pelo MEC é baseada em padrões internacionais, onde se caracterizam os indivíduos superdotados como sendo aqueles que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criador ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para as artes visuais, dramáticas e musicais, e habilidades psicomotora. Devido à complexidade ou diferentes maneiras da superdotação ser expressa, diversas estratégias são recomendadas para a identificação de indivíduos superdotados ou talentosos: testes psicológicos, observações de professores e entrevistas com os familiares, colegas e com o próprio indivíduo. Tais indicações acrescentam, sem dúvida, uma maior dificuldade ao reconhecimento de superdotados brasileiros do que em outras culturas, considerando não só a trágica situação em que se encontram a maioria dos testes psicológicos no Brasil como também a baixíssima qualidade de formação de nossos professores

para reconhecer e estimular talentos nas salas de aula, além dos graves problemas sociais-culturais que vivenciam muitas famílias brasileiras. Poucos são os instrumentos validados no Brasil para avaliar a inteligência, encontrando-se recentemente estudos realizados somente como medidas de fator g ou do tipo não-verbal para crianças na faixa de 5-12 anos de idade, tais como: Matrizes Coloridas de Raven (Angelini, Alves, Custódio, Duarte & Duarte, 1999), Teste Não verbal de Inteligência (Pasquali, 1999) e Desenho da Figura Humana (Wechsler, 1996). Embora esteja planejado para curto prazo a divulgação de uma bateria de testes para avaliação da criatividade e liderança, sob a nossa autoria, esta será somente dedicada, em um primeira instância, ao adulto jovem, devido ao tipo de amostra até então estudada. Uma bateria de aptidões específicas que será publicada em breve por Almeida e Primi (1999, comunicação pessoal) também abrangerá os estudantes na faixa etária do ensino médio. Por outro lado, inexistem escalas de observação validadas para professores, o que traz um elemento complicador a mais para o processo de identificação de superdotados. Finalmente, devido à extrema necessidade de se investir nos talentos de nossas crianças e jovens, propõe-se um trabalho nacional para a construção e validação de medidas que possam demonstrar mais seguramente o potencial de nossa população, enfocando-se em primeiro lugar a expressão das inteligências múltiplas.

As atividades práticas no ensino das técnicas de exame psicológico

Irai Cristina Boccato Alves
Universidade de São Paulo

De acordo com a lei que regulamenta a profissão o uso de Técnicas de Exame Psicológico é a única função privativa do psicólogo e por essa razão o profissional deve apresentar competência na utilização das mesmas. Ainda que muitos achem que nunca irão trabalhar com elas, seu diploma lhes dá o direito de fazê-lo. Assim um problema crucial na formação profissional é o ensino das Técnicas de Exame.

O primeiro ponto a considerar é que existem muitas técnicas, que avaliam características diferentes e aplicáveis em diversas áreas de atuação do psicólogo, o que leva à necessidade de selecionar que técnicas devem ser ensinadas durante o curso de graduação. Que técnicas podem ser consideradas imprescindíveis para o exercício profissional competente?

Depois dessa decisão é necessário resolver como ensinar. O aluno precisa aprender os conceitos psicométricos, que fundamentam a construção dos instrumentos, bem como a fundamentação teórica dos testes, mas é indispensável que ele passe pela experiência prática de aplicação, avaliação, interpretação dos resultados e integração dos resultados obtidos com outros dados sobre o indivíduo avaliado. Não é possível aprender realmente a aplicar um teste sem fazê-lo na prática. As explicações dadas em aula pelo professor, bem como a leitura dos manuais dos testes não são suficientes. Em uma aplicação real geralmente ocorrem situações e dificuldades não previstas anteriormente e que se transformam em uma experiência rica e viva, de estabelecimento de uma relação com o cliente, que não pode ser obtida de outra forma.

Porém a prática durante o curso também apresenta algumas questões muito debatidas e ainda não resolvida pelos docentes da área. O aluno deve aprender em uma situação neutra, na qual os resultados dos testes não terão nenhuma influência sobre a vida futura do examinando? Ou deve aprender já em um caso real, onde existe uma queixa e o resultado servirá para a compreensão do problema de um determinado paciente? No primeiro caso, quem deve ser o sujeito desta prática? Recomenda-se que não seja um parente, ou uma pessoa muito próxima do aluno, mas aí surgem dificuldades quanto a como conseguir alguém que se disponha a colaborar para essa prática. E, se durante esse treinamento, os resultados indicarem que o examinando apresenta problemas, necessitando de uma intervenção, como agir? Deve ser feita uma devolução dos resultados obtidos? Como?

No segundo caso, de um paciente real, como se pode confiar em dados obtidos por um examinador inexperiente, que geralmente comete erros na aplicação e na avaliação do instrumento? Como se pode fornecer resultados neste caso? Quais são os prejuízos que se está causando a esse examinando? Esse e outros problemas necessitam ainda de solução, que deve ser obtida através da consulta e discussão com os responsáveis pela formação dos psicólogos.

Critérios de indicação de psicoterapias: medida de avaliação dos estágios de mudança

Elisa Medici Pizão Yoshida
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Dando continuidade à nossa participação no grupo de pesquisa sobre Avaliação Psicológica, pretendemos aprofundar a discussão em torno da questão da *mudança em processos psicoterápicos*, focalizando, desta vez, *medidas de critérios de indicação de psicoterapias* que apresentem evidências de precisão e de validade (simultânea e/ou preditiva). O emprego de medidas, que apresentam precisão e validade, tem sido uma exigência cada vez mais forte na área da psicologia clínica, especialmente, no âmbito internacional. Esta condição, no entanto, ainda não encontra eco na prática clínica nacional, onde prevalece o uso de procedimentos pouco estruturados (entrevistas abertas) e de testes projetivos, que dão margem a avaliações pessoais em que as crenças e preferências do profissional guiam, muitas vezes, as interpretações. Parte da responsabilidade por este quadro é devida à carência de pesquisas consistentes, voltadas para a determinação das propriedades psicométricas de instrumentos de avaliação psicológica, junto a populações brasileiras. Visando contribuir para a remediação desta situação, apresentar-se-á um estudo de precisão e de validade preditiva de resultados de psicoterapias psicodinâmicas breves, a partir de avaliações realizadas com a "Escala dos Estágios de Mudança", um instrumento de auto aplicação (self-report), constituído de 32 itens baseados na definição operacional de quatro estágios de mudança: precontemplação, contemplação, ação e manutenção. A estimativa da validade simultânea será dada pela utilização de medida da eficácia adaptativa, fornecida pela EDAO-R (Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada-Redefinida), utilizada como critério externo. Um estudo preliminar, envolvendo N=31 sujeitos, que buscaram atendimento psicológico em uma instituição da cidade de São Paulo, voltada para o ensino e a pesquisa de psicoterapias psicodinâmicas breves, indicou a consistência interna de ao menos uma de suas sub-escalas, além de validade preditiva quanto à probabilidade de concluir ou não o atendimento. Devido, contudo, à homogeneidade da amostra, no que respeita ao estágio de mudança em que se encontravam os sujeitos (70,96% no estágio de contemplação), os resultados não permitiram suficiente generabilidade. Uma nova pesquisa, envolvendo amostra maior e mais heterogênea, encontra-se em andamento, e deverá estar concluída até maio de 2000, quando pretendemos submetê-la à apreciação dos membros do grupo de pesquisa, fornecendo subsídios para a discussão sobre critérios de indicação de psicoterapias psicodinâmicas.

Habilidades e aprendizagem de estudantes universitários

**Ricardo Primi, Acácia A. Angeli dos Santos,
Claudette Medeiros Vendramini, Fernanda Taxa Franz Muller,
Maria de Fátima Lukjanenko e Isabel Sampaio**
Universidade São Francisco

Os programas de avaliação implementados recentemente pelo MEC, tais como o Sistema de Avaliação do Ensino Básico (SAEB), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Exame Nacional de Cursos (ENC), têm chamado a atenção para uma dimensão humana com uma longa tradição de pesquisa na Psicologia: as habilidades cognitivas. Tais programas definiram um conjunto de habilidades, consideradas essenciais, a partir das quais os instrumentos de avaliação são elaborados. Essas definições são geralmente construídas a partir da contribuição de especialistas no conteúdo a ser avaliado. Se, por um lado, a implementação de um sistema de avaliação nacional deve ser aplaudida, por outro, suas asserções fundamentais devem ser analisadas criticamente, visando-se o aprimo-

ramento desse sistema. Presume-se que, a partir da divulgação dos resultados obtidos, as instituições educacionais passarão a ter como meta o desenvolvimento das habilidades definidas nas matrizes de competências e habilidades que sustentam a construção desses instrumentos. Neste contexto, parece de fundamental importância que a comunidade científica brasileira produza conhecimentos empíricos que respondam questões, como: (a) quais são as habilidades básicas gerais, tidas como pré-requisitos para um bom aproveitamento das atividades acadêmicas; (b) em que nível os alunos são preparados nessas habilidades pelo ensino fundamental e médio, ou seja, que perfil eles apresentam quando ingressam na universidade; (c) qual o impacto do ensino universitário sobre o desenvolvimento dessas habilidades; (d) de que forma os currículos dos cursos superiores poderiam ser alterados, tendo em vista o desenvolvimento dessas habilidades. Procurando responder estas questões, constituiu-se um grupo de pesquisa na USF com o objetivo de desenvolver instrumentos para avaliar as habilidades cognitivas básicas de seus estudantes. Aproximadamente 4000 alunos estão sendo submetidos a um conjunto de instrumentos de avaliação da compreensão em leitura; conhecimentos gerais/atualidades; raciocínio indutivo; raciocínio lógico dedutivo e capacidade de julgamento moral. Este estudo tem com objetivos: (a) caracterizar o nível dos alunos com relação a essas habilidades, (b) verificar a existência de mudanças ao final do curso, (c) investigar as diferenças de desempenho em função da formação, curso, nível sócio- econômico, turno, gênero e faixa etária. (d) analisar eventuais correlações entre as habilidades, as notas escolares e as provas do processo seletivo. Espera-se que as informações colhidas possam orientar programas de intervenção, visando o aprimoramento da formação oferecida pela instituição, no sentido de proporcionar o desenvolvimento integral do aluno.

Avaliação de programas

Cilio Ziviani

Universidade Gama Filho

Há doze anos atrás foi apresentado à ANPEPP estudo sobre a avaliação dos então quinze programas de pós-graduação em Psicologia efetuada em 1984, pela Comissão de Consultores Científicos da CAPES. Surge agora a oportunidade de renovar o estudo, dentro da mesma proposta metodológica, por meio de análise dos resultados classificatórios apresentados oficialmente nas fichas de avaliação remetidas aos agora vinte e oito programas recomendados pela CAPES e que passaram pelo processo de avaliação em 1998.

Esta apresentação enfatiza os aspectos metodológicos, reservando para oportunidade específica a mostra sistemática de resultados curso a curso, de forma a oferecer a cada programa a visão de sua situação face aos demais, indicador por indicador.

Atualmente, o instrumento de avaliação utilizado pela CAPES ampliou significativamente o número de quesitos e, dentro de cada quesito, o número de itens referentes ao conceito medido pelo quesito. Sabe-se quantitativamente mais, hoje, sobre cada programa avaliado em 1998 do que sabia-se em 1984. Entretanto, o conhecimento desses itens por meio de sua mera agregação, poderá ser aprofundado passando-se a conhecê-los em sua relação intrínseca, de modo que já não sejam dois, três, cinco em cada quesito, mas um só com duas, três, cinco partes. Da mesma forma, a visão isolada de cada programa em relação aos seus próprios dados devolvidos na ficha de avaliação poderá ser enriquecida pelo conhecimento de sua relação intrínseca com os demais programas, de forma que seus dados específicos sejam qualificados pelo conjunto de todos os programas, isto é, a análise como parte de um todo e a natureza e magnitude de suas contribuições para o resultado do todo, ou seja, a variância da classificação final dos programas. Espera-se por meio do resultado desta análise contribuir para o aperfeiçoamento da medida da qualidade dos programas de pós-graduação em psicologia, tomando-se por medida a quantidade qualificada.

Escala de avaliação da competência social de doentes mentais

Marina Bandeira

Universidade São João Del Rei

O treinamento das habilidades sociais tem sido uma das intervenções integrantes dos programas de reabilitação psicossocial dos pacientes psiquiátricos, visando sua reinserção na comunidade. O doente mental, em particular o esquizofrênico, apresenta déficits de habilidades sociais, dificuldades em desenvolver e manter relações sociais e baixa vulnerabilidade ao estresse, em particular nas situações de conflitos interpessoais. Tem sido constatado que quanto mais elevado o grau de competência social do doente mental, em particular o esquizofrênico, menor é o número e a gravidade de suas rehospitalizações. Portanto, é essencial preparar o doente mental em termos de sua competência social. Neste contexto, a avaliação dos pacientes torna-se imprescindível, para se poder: 1. delinear os objetivos específicos do treinamento das habilidades sociais e 2. verificar os efeitos deste treinamento. O objetivo do presente trabalho é descrever um instrumento de medida elaborado para se avaliar o grau de competência social (cota global) e as dificuldades específicas de habilidades sociais (medidas moleculares) apresentadas por esta clientela, através da observação de seu comportamento em situação de desempenho de papéis ("role play"). O desempenho de papéis tem sido descrito como a medida mais adequada de avaliação da competência social, possuindo validade discriminativa, preditiva e fidedignidade teste-reteste. A Escala de Avaliação da Competência Social (EACS) consta de quatro situações cotidianas de interação social, envolvendo conflitos interpessoais, nas quais o paciente interage com um interlocutor em desempenho de papéis, filmado em vídeo. As quatro situações incluem variações do tipo de interação social e do gênero do interlocutor. Dois tipos de interação foram elaborados: 1. Receber uma crítica e 2. Expressar uma insatisfação. Para cada um destes tipos de situação, varia-se o gênero do interlocutor. As situações escolhidas se desenrolam em um cenário representando cenas familiares. O desempenho dos pacientes filmado em vídeo é submetido posteriormente à uma análise observacional por juízes previamente treinados para cotar, através de uma escala tipo Likert de 6 pontos: 1. O grau de competência social global nas situações e 2. O grau de competência social nas dimensões verbal, não-verbal, paralinguística, de resolução de problema e de afeto (cotas globais). As cenas filmadas servem igualmente para se observar, através de dois outros juízes independentes, a frequência de ocorrência de habilidades específicas que compõem as cinco dimensões da competência social descritas acima (medidas moleculares). Esta escala consiste de uma adaptação brasileira de uma escala canadense contendo 9 situações cotidianas consideradas mais frequentemente problemáticas para esta clientela (Tremblay e Bandeira, 1994). Para a construção da presente escala, foram selecionadas as quatro situações mais pertinentes. A presente escala foi aplicada em 70 sujeitos do sexo masculino, sendo 35 psicóticos e 35 pessoas da população não-clínica, ambos os grupos habitando o mesmo meio geográfico e sendo equivalentes quanto a variáveis socio-demográficas. Os resultados mostram a validade discriminativa da presente escala, uma vez que foi possível discriminar os dois grupos de sujeitos, com relação à cota global e às cinco dimensões da competência social. As medidas moleculares de frequência de comportamentos específicos, dentro de cada dimensão, permitiu identificar as dificuldades específicas do grupo clínico e os pontos de convergência com a sua população de referência.

O procedimento de avaliação clínica para a psicoterapia psicodinâmica: conjugando a entrevista e a técnica de apercepção temática

Marcelo Tavares
Universidade de Brasília

Desde as primeiras pesquisas em torno da eficácia da psicoterapia psicodinâmica (Malan, Sifneos, Davanloo), até as mais recentes (Luborsky), um dos principais temas de interesse é a avaliação e indicação de pacientes para as diversas abordagens terapêuticas. Este fato é consequência da constatação do aumento da eficácia terapêutica a partir da indicação de uma estratégia terapêutica que melhor se adequa ao tipo específico de dificuldade que o paciente apresenta. Este trabalho examina um procedimento de avaliação clínica baseado em uma entrevista psicodinâmica e na Técnica de Apercepção Temática com o objetivo de traçar recomendações terapêuticas. Examinaremos as principais dimensões avaliadas nesse procedimento e seu efeito relativo ao processo e eficácia terapêutica. Na entrevista são abordados a queixa, a história da queixa, a história e nível de desenvolvimento, as relações familiares (pais, irmãos, etc.) e interpessoais significativas (conjuge, chefe etc.) dentro de uma perspectiva das relações objetais. Mostraremos como o Teste de *Apercepção Temática* completa a informação clínica da entrevista possibilitando (1) apresentar a formulação de um foco dinamicamente relacionado à(s) queixa(s) principal(is), (2) descrever as relações objetais em fantasia, (3) relacionar estas dinâmicas aos principais conflitos relacionais concretos, (4) fazer inferências acerca da auto-imagem e da auto-estima (*self* e narcisismo) do paciente, (5) estabelecer o nível de desenvolvimento do paciente, (6) antecipar as prováveis relações transferenciais e contra-transferenciais (estabelecer os focos transferencial e contratransferencial), e (7) antecipar questões relativas à motivação e ao estabelecimento da aliança terapêutica (pelo exame das fantasias acerca da relação de ajuda). Destas dimensões são derivadas estratégias terapêuticas e modos de avaliação qualitativa da eficácia terapêutica. Apresentaremos exemplos de casos acompanhados e finalizaremos discutindo os benefícios desse procedimento para o processo e a eficácia terapêuticos.

Instrumentos para a avaliação de *coping* — normatização e estudos preliminares de validação

Claudio S. Hutz e Adriane S. Antoniazzi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coping é o processo cognitivo usado pelos indivíduos para lidar com situações de estresse e problemas no seu cotidiano. Este conceito tem sido amplamente estudado, especialmente por estar associado à saúde e à adaptabilidade social, sendo assim um construto básico para o estudo da vulnerabilidade e resiliência. Portanto, é importante a elaboração de instrumentos fidedignos e válidos para avaliar coping em populações brasileiras. Este trabalho relata os resultados de um projeto maior que permitiu o desenvolvimento de instrumentos de avaliação de coping a partir do modelo de Aproximação-Evituação. Será apresentada a adaptação para o português do Questionário de Coping em Diferentes Situações (Kavšek & Seiffge-Krenke, 1996) e do Inventário Multidimensional de Coping produzido no nosso laboratório. Serão também relatados achados complementares que apontam para a influência de traços de personalidade e depressão sobre as respostas de coping, bem como para a relação entre o tipo de estratégia de coping utilizado e bem-estar subjetivo.

Teorias implícitas de professores brasileiros acerca da inteligência

Eliane Gerck Carneiro
Universidade Gama Filho

O termo *inteligência* tornou-se expressão conveniente das avaliações populares numa vasta variedade de domínios e assuntos. A atribuição de *inteligente* que se faz às pessoas baseia-se numa larga diversidade de critérios que incluem a própria inteligência, no sentido estrito do termo, mas também auto-apresentação, fala e até expressão facial. Trata-se de um termo que costuma ser usado popularmente para qualificar pessoas, animais, objetos e situações sociais. Por outro lado, na ciência psicológica, o constructo inteligência é objeto há mais de um século de uma infinidade de investigações científicas. As pesquisas sobre a inteligência podem ser classificadas em duas grandes categorias: uma que aborda as Teorias Explícitas ou Teorias Científicas – que têm como objeto de estudo um constructo científico – e a outra, que trata das Teorias Implícitas ou Teorias Ingênuas, cuja finalidade é investigar as concepções que as pessoas desenvolvem a respeito da natureza e dos componentes da inteligência. Embora os pesquisadores que trabalham com as teorias explícitas possam discordar sobre a natureza da inteligência e sobre seus aspectos funcionais, todos concordam em que a base para a coleta de dados consiste na realização de tarefas que requerem o seu funcionamento. Esses dados, por sua vez, são analisados para construir novas teorias ou confirmar teorias já existentes. Em relação às teorias implícitas, os pesquisadores podem discordar quanto à natureza e relevância das concepções desenvolvidas pelas pessoas, mas tendem a concordar em que o procedimento básico para a coleta de dados está nos depoimentos das pessoas sobre as suas concepções relativas ao funcionamento da inteligência. Neste caso, as pesquisas desenvolvidas não tem o objetivo de produzir ou avaliar teorias. Buscam descobrir teorias já existentes. Entre os autores de orientação cognitivista surgiu, recentemente, uma proposta que defende a articulação entre abordagens de teorias implícitas e explícitas. Dentro desta proposta, desenvolvemos um estudo exploratório sobre as teorias implícitas de professores de ensino médio acerca da inteligência. Foram entrevistados 144 professores de ensino médio, de diferentes disciplinas, que atuam em escolas de zona urbana e em escolas de zona rural. Procuramos avaliar o significado do termo; a construção do significado; as explicações quanto à natureza, estrutura, tipos de inteligência; a avaliação das pessoas consideradas inteligentes, os comportamentos inteligentes. Num segundo momento, contrastamos essas concepções com as características do conceito definidas pelas teorias explícitas, defendendo, assim, a complementariedade entre o senso comum e a ciência, entre o indivíduo e os modelos psicológicos que o descrevem, assim como entre os modelos psicológicos explícitos.

Teste não-verbal de raciocínio para crianças - TNVRI

Luiz Pasquali
Universidade de Brasília

Objetivo: Para suprir a carência quase total de testes de inteligência validados no Brasil, criou-se o Teste Não-Verbal de Raciocínio para crianças.

Material: A criação do teste se baseou na teoria dos dois fatores de Spearman ou do fator G. Ele consta de 60 itens figurativos, compostos de símbolos ou de esquemas gestálticos de objetos comuns da experiência da criança, tais como rostos, animais, plantas etc.

Método: o TNVRI foi aplicado a 750 crianças do Distrito Federal (81%) e do Rio Grande do Sul (19%). Para a validação e normatização do teste, os dados foram submetidos à análise fatorial dos eixos principais com rotação oblíqua e à análise dos itens através do modelo logístico de 3 parâmetros da Teoria de Resposta ao Item (TRI).

Resultados: Das análises fatoriais surgiram dois fatores primários, a saber, percepção da gestalt e raciocínio analógico abstrato. Sendo os dois fatores muito correlacionados ($r = 0,40$); um fator de segunda ordem foi extraído, representando o raciocínio analógico. Os três fatores apresentaram consistência interna elevada (alfas de 0,89 e 0,91). As análises da Teoria de Resposta ao Item (TRI) mostraram qualidades razoáveis para 55 dos 60 itens. As curvas de informação dos fatores mostraram que o fator de percepção da gestalt é válido somente para crianças com níveis deficientes neste construto, enquanto os dois fatores de raciocínio analógico se mostraram excelentes para aferir este construto para crianças que se situam entre -2 e $+2$ desvios padrões em torno da média, isto é, para mais de 95% das crianças. As normas, provisórias, foram estabelecidas somente para crianças da faixa de 8 a 12 anos de idade, dado ser esta a idade das crianças que participaram da presente pesquisa.